

## Capacitação e aprendizagem em redes sociais: o caso de jornalistas

Edson Capoano<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo trata das potencialidades das redes sociais como sistema de capacitação e aprendizagem. Para isso, serão abordadas as características das redes como sistemas de troca; e como ambientes de produção e capacitação. Como conclusões, parece que a relação de diferentes ideias que circulam em uma rede podem gerar conhecimento, pois formas descentralizadas de aquisição e de difusão do conhecimento são necessárias para renovação do sistema. Para isso, os membros das redes, como jornalistas, o estudo deste caso, devem utilizar diferentes mecanismos de aprendizagem, como comparações, inferências, conexões, ações deliberadas ou de iniciativa pessoal.

**Palavras-Chave: capacitação; aprendizagem; redes sociais; jornalistas**

### ABSTRACT

The paper discusses the potential of social networks as a training and apprenticeship system. We discuss the characteristics of networks as systems of exchanging and as production and training environments. In conclusion, it seems that the relationship of different ideas, circulating in a network, can generate knowledge for decentralized forms of acquisition and dissemination of knowledge are required for renewal the system. Members of the networks, as journalists, the study of this case, must use different learning mechanisms, such as comparisons, inferences, connections or deliberate actions of personal initiative.

**Key words: capacitation; learnship; social networks; journalists**

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Cultura da América Latina pelo PROLAM-USP; Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP; jornalista e professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da ESPM-SP.

Jornalistas que se capacitam em cursos internacionais como *fellowship programs* e redes presenciais atualizaram suas narrativas identitárias e compreenderam a identidade dos demais membros através de troca e do diálogo. Suas culturas locais e regionais são descobertas, discutidas, aprofundadas, intermediadas, transmitidas e potencializadas graças ao diálogo, e fixadas através da cumplicidade. Para tanto, este texto abordará as características das redes como sistemas de troca; e como ambientes de produção e capacitação. Assim, os conceitos utilizados provém de pesquisas interdisciplinares sobre redes, provindas da política, sociologia e medicina, em CHRISTAKIS e FOWLER (2009)<sup>2</sup>; e de modelos de gestão e administração, que consideram redes de produção como sistemas dinâmicos complexos, nos estudos de MARSHALL (2002).

Redes são relações entre indivíduos, um fenômeno comum e imprescindível, que está em todas as esferas da vida e que existe bem antes da comunicação digital. Assim, reafirma-se que esta não é uma pesquisa sobre redes tecnológicas, mas sobre como o adensamento das relações locais continentais se potencializa por jornalistas que saibam utilizá-las. Wainberg (2001), por exemplo, lembra que as conexões sociais vieram muito antes das tecnológicas:

A história da comunicação humana tem sido a história das redes. As tecnologias de transporte e comunicação, das mais precárias às mais sofisticadas e contemporâneas, buscaram sempre o mesmo efeito: a superação dos obstáculos geográficos e do tempo. [...] Hoje, tais trilhas são o resultado do desenvolvimento das telecomunicações e tecnologias associadas. Estas infovias de cabos interligados estão cada vez mais densas [...] Os impactos culturais, sociais, econômicos de tais conexões tem sido destacados... A regra vigente no momento é partilhar com outras teias cada vez intrincadas de artefatos comunicacionais que em topografias cada vez mais multiformes que permitem a partilha e a troca. (WAINBERG, 2001, p. 195).

---

<sup>2</sup> “In a very basic sense, then, a social network is an organized set of people that consists of two kinds of elements: human beings and the connections between them.” (CHRISTAKIS e FOWLER, 2009, p.11).

Entretanto, não é qualquer encontro de pessoas que define uma rede. Enquanto *ethos* tradicionais geram identidades, as redes geram conexões. Os *ethos* tradicionais fazem indivíduos conviverem com gente parecida entre si, com a mesma formação e atuação social. As redes, por outro lado, são escolhas dos indivíduos de se conectarem de forma distinta, independente do espaço físico ou da origem. Enquanto os *ethos* tradicionais são espaços materiais, as redes não o são necessariamente. Enquanto nos *ethos* as pessoas são competidoras, pois tem os mesmos papéis e vão disputar espaço na sociedade, as redes demonstram que papel escolhemos, a partir de alguma carência que temos individualmente. Portanto, as redes influenciam nossa identidade a partir do nosso papel e dos demais no grupo.

A definição de redes de Castells (2000, p. 566) também é essencial para compreender o que é uma rede para além da tecnologia ou do convívio comum. Manuel Castells (op.cit.) identifica as conexões entre pontos em dezenas de fenômenos sociais, dos sindicatos da Catalunha, até as redes de protesto do século XXI #YoSoy132 do México, *OcuppyNY* dos EUA e *Los Indignados* de Madri. Interessado na potencialidade dessas redes, Castells as compreende como ferramentas de aumento de alcance para os objetivos dos indivíduos organizados. Não há redes sem cultura, sociedade ou indivíduos:

Rede é um conjunto de nós interconectados. [...] Por sua vez, dentro de determinada rede os fluxos não têm nenhuma distância, entre os nós. [...] A inclusão/exclusão em redes e a arquitetura das relações entre redes, possibilitadas por tecnologias da informação que operam à velocidade da luz, configuram os processos e funções predominantes em nossas sociedades. (CASTELLS, 2000, p. 7).

Cremilda Medina (2003), por sua vez, contribui com a pesquisa sobre diálogos em rede, quando ressalta a comunicação humanizada em qualquer suporte de comunicação. O trabalho interdisciplinar de Medina (op.cit.) afirma a compreensão de que os afeitos são a sustentação dos diálogos e das redes do saber, muito mais que modelos de comunicação funcionalizados ou redes digitais tecnológicas:

Ideologia, paradigma e visão de mundo, outra escala de aprofundamento para o aprendiz de mediações socioculturais do presente. Mexer com as subjetividades que a dialogia social presentifica faz vir à tona tanto a visão de mundo do interlocutor quanto a visão de mundo do comunicador. A troca, o embate, a interatividade criadora se dá na cultura, espelho profundo de certa sociedade. Mais catártica ainda é a virtualidade do toque poético, ou seja, por mais díspares que sejam as mundivisões, muitas vezes de raízes socioculturais contrapostas, certamente comungam a mesma utopia humana. (MEDINA, 2003, p. 79).

Nos EUA, terra das redes digitais como Facebook e Twitter, novas interpretações entre indivíduos, redes e cultura estão sendo realizadas. Christakis e Fowley (2009) concluíram uma extensa pesquisa sobre conexões e influência entre pessoas. A resposta dos pesquisadores sobre a manutenção do diálogo em rede foi a manutenção da felicidade, da confiança e do amor. Assim como os afeitos e os diálogos de Medina (op.cit.), Fowley e Christakis (op.cit.) perceberam que a “cola” entre as conexões de membros de rede é a cumplicidade dos indivíduos, que gera a intenção de se entender o outro. Por isso, esta tese reafirma seu objetivo de estudar redes como ambientes de conexões entre indivíduos, que geram textos culturais através do diálogo, da confiança e da cumplicidade, produzindo identidade entre pessoas, povos e culturas.

Há outras características que definem as relações dos indivíduos dentro das redes. Isso é importante para esta pesquisa, pois pode esclarecer como um ou mais jornalistas latino-americanos do Programa Balboa se relacionaram durante a experiência de rede. A seguir, serão ressaltadas a seguir algumas características de redes como ambientes específicos de troca e diálogo humanizados:

Não controlamos a rede, mas nosso papel no centro ou periferia das redes. Por ser constituída de indivíduos que nem sempre têm os mesmos objetivos, não se pode imaginar que haverá homogeneidade ou consenso dentro de uma rede. Mas pode haver decisões individuais, que colocam os indivíduos em diferentes papéis e funções de importância dentro da rede.

Influenciamos a densidade das relações na rede. Além de controlarmos nosso

próprio papel na rede, nossa atuação pode influenciar outros membros e mudar sua forma de ser e agir na rede. A influência por imitação, ou cópia, é uma das mais recorrentes.

Na teoria de redes, existe o *contágio*. É a possibilidade da ideia ou ação de um integrante da rede influenciar o outro, mesmo sem ter relação direta com ele. A conectividade e o contágio podem ter alterado os signos que compuseram a identidade dos jornalistas durante a experiência de rede.<sup>3</sup> Grupos também podem afetar o indivíduo, basicamente, *por comparação e influência*. Isso define como nós avaliamos os outros e a nós mesmos.

Os jornalistas em rede mudam o parâmetro de qualidade no jornalismo de onde trabalham. Eles não se comparam através de seus países ou de seus textos, mas através dos indivíduos, principalmente aos jornalistas mais destemidos, exemplos e modelos, elos fortes da rede. São as lideranças que promovem mudanças na cultura da rede, através da comparação com modelos e da mudança individual.

Por isso, as melhores redes de qualquer tema de interesse são as que contêm melhores indivíduos e líderes em suas áreas. São esses elos fortes das redes que fazem a informação se mover entre os membros. Para jornalistas, redes eficientes oferecem os melhores contatos e fazem fluir as informações.<sup>4</sup>

Há uma inteligência coletiva nas redes para manter sua continuidade.<sup>5</sup> Interação e interconexão mantêm a sobrevivência dos membros. Uma das principais razões para que as pessoas participem de redes é que, com elas, pode-se superar limitações individuais. Assim como uma ferramenta, que aumenta a potencialidade do corpo, as redes são invenções humanas para a solução de problemas.

---

<sup>3</sup> Outras características relevantes para compreender a comunicação dentro de uma rede são que escolhemos os membros farão parte dela; podemos diminuir a distância entre membros da rede, apresentando-os uns aos outros; decidimos se somos centrais ou periféricos na rede, o que define nosso grau de influência sobre os demais.

<sup>4</sup> “Social networks function in large part by giving us access to what flows within them.” (CHRISTAKIS e FOWLEY, 2009: 91).

<sup>5</sup> “Social networks can be difficult to understand in part because they are difficult to manipulate. We cannot give you a friend the way we might give you a placebo. But if we could somehow strand a group of strangers on a desert island and watch how they become connected, and for what purpose, we might be able to observe social networks as if we were conducting an experiment.” (CHRISTAKIS e FOWLEY, 2009, p. 210).

As redes têm dinâmica própria. Crescem e se desenvolvem relativamente independentes dos seus membros. Podem influenciar<sup>6</sup> os indivíduos que as criaram. Os laços da rede social são tão importantes quanto seus participantes.<sup>7</sup>

Redes promovem a conectividade total. Mantêm todos os integrantes inevitavelmente ligados. As pessoas podem estar mais ou menos ligadas umas às outras, ou seja, terem um ou mais graus de separação entre si. Entretanto, um indivíduo dentro da rede tem a possibilidade de se comunicar com qualquer outro.

Uma rede não precisa ser grande, digital ou internacional. Uma relação entre três pessoas pode formar uma rede, que transmite os interesses dos membros. Aliás, uma das características mais importantes das redes está na regra dos três graus de influência. Pode-se influenciar diretamente até três pessoas em uma relação linear dentro de uma rede. Ou seja, uma pessoa influencia a outra, que influencia a outra, sendo que a primeira e a terceira podem não estar diretamente relacionadas.<sup>8</sup>

Redes podem influenciar pessoas até de fora das redes.<sup>9</sup> Do quarto ao sexto grau de relação, pode haver influência da cultura inserida na rede. Ou seja, não influenciaremos nem somos influenciados diretamente a quatro ou a seis pessoas de distância de uma rede, mas pela própria rede, sobre forma dos laços já estabelecidos dentro do sistema. As mensagens, as narrativas, os signos, os símbolos e os discursos que criados dentro de uma rede social podem ficar dentro da estrutura e dialogar com o universo simbólico de pessoas até seis pontos distantes entre si.<sup>10</sup>

---

<sup>6</sup> Entenda-se influenciar e influência como a ação de dialogar com a concepção, imaginário, universo simbólico de pessoas, ao ponto de fazê-las mudar seus discursos ou suas ações.

<sup>7</sup> “These ties, and the particular pattern of these ties, are often more important than the individual people themselves. They allow groups to do things that a disconnected collection of individuals cannot. The ties explain why the whole is greater than the sum of its parts. And the specific pattern of the ties is crucial to understanding how networks function.” (CHRISTAKIS e FOWLEY, 2009, p. 9).

<sup>8</sup> “People can extend their influence beyond three degrees. Put another way, we may not be able to influence people four degrees removed from us because, in our hominid past, there was no one who was four degrees removed from us. We call this the evolutionary-purpose explanation.” (CHRISTAKIS e FOWLEY, 2009, p. 29).

<sup>9</sup> “And our connections do not end with the people we know. Beyond our own social horizons, friends of friends of friends can start chain reactions that eventually reach us, like waves from distant lands that wash up on our shores.” (CHRISTAKIS e FOWLEY, 2009, p. 7).

<sup>10</sup> “Moreover, even when restricted to three degrees, the extent of our effect on others is extraordinary. The way natural social networks are structured means that most of us are connected to thousands of people of other people. In a kind of social chain reaction, we can be deeply affected by events we do not witness that happen to people we do not know. It is as if we can feel the pulse of the social world around us and respond to its persistent rhythms.” (CHRISTAKIS e FOWLEY, 2009, p. 30).

Nas redes, a cultura é a transmissora de realidades simbólicas entre os indivíduos. A cultura é, sob a forma de narrativas baseadas em identidades individuais, o laço que liga os indivíduos que transitam sobre ela. A cultura é a rede que comporta o texto social do homem. Neste trabalho, entenderam-se mitos como propagadores de signos culturais comuns entre os jornalistas latino americanos em redes sociais.

As redes são ambientes de aceleração e aprofundamento de trocas simbólicas entre seus membros, uma vez que a rede funciona como um espaço criativo, pois o que se cria dentro dela – e também o que se cria fora, mas se transporta a ela – é dividido por todos. O que trocam e produzem entre si ficam na estrutura da rede, sob a forma de cultura, como as recomendações dos membros antigos aos novos.

Junto da cultura, são as relações pessoais que mantêm diálogo dentro da rede Programa Balboa. Mas a rede mantém laços que permitem novos encontros momentâneos ou diálogos sem encontro físico. Vão-se as redes presenciais, ficam as redes de cumplicidade entre as pessoas.

As emoções mudam a maneira de se relacionar nas redes. Quando os indivíduos conseguem entender a emoção dos outros membros da rede, há uma coesão no grupo, que gera facilitação de se criar laços, sincronização de comportamentos e a troca informativa com qualidade, ou seja, diálogo. Os vínculos pessoais gerados em rede sincronizam indivíduos, fazendo identidades serem mais facilmente compreendidas. Indivíduos sincronizados emocionalmente trocam informações mais rapidamente e melhor que em palavras ou em discursos racionais.<sup>11</sup>

Os laços pessoais criados entre os jornalistas latinos permitem a criação de um mundo subjetivo em comum. Enquanto as redes fechadas reforçam velhos hábitos dos seus membros, as redes abertas estimulam a diversidade. Estas recebem informação nova dentro de seu sistema mais facilmente. E o novo está para além dos três graus de influência de indivíduo para indivíduo. O novo está na cultura de rede.

Redes fracas podem se conectar mais facilmente entre si que as fortes, fechadas em agrupamentos (*clusters*). Elas se desfazem em outras, com membros que aumentam a influência dos membros da primeira. Assim, aumentam a circulação da informação. A mistura de redes fracas e fortes aumenta a criatividade pelas novas combinações dos

---

<sup>11</sup> “Emotions may be a quicker way to convey information about the environment and its relative safety or danger than other forms of communication, and it seems certain that emotions preceded language.” (CHRISTAKIS e FOWLEY, 2009, p. 37).

membros. Isso facilita o intercâmbio entre indivíduos diferentes, o que aumenta a criatividade dentro da rede.

### **Sistemas dinâmicos complexos: os Distritos Industriais**

Para compreensão de redes presenciais, serão apresentadas interpretações contemporâneas sobre o conceito de distritos industriais (DIs), teoria de Alfred Marshall de 1890. Tanto os DIs quanto as redes estimulam trabalho em conjunto, o contato com o ambiente externo, transmissão, competição e diálogo com os conhecimentos externalizados:

The ID model may be interpreted as an example of ‘phenomena of unorganized complexity’ (Hayek, 1978), where a wide population of firms, entrepreneurs and skilled workers share competencies, expertise, social experiences, mental models and collective beliefs.” (MARSHALL, 2002, p. 135).

O interesse em aproximar estes conceitos às análises de redes de jornalismo, tema do trabalho, *deve-se a que ambos os ambientes podem ser considerados tecituras cooperativas de produção e de conhecimento*. Considera-se que os DIs e as redes podem formar uma grande organização complexa, laboratórios cognitivos<sup>12</sup>, onde conhecimento e informação são elaborados de forma coletiva e complexa. Sob a tríade de Marshall (apud BELUSSI e CALDARI, 2002), as redes presenciais são autênticos ambientes de troca e interação entre indivíduos e suas habilidades.

Tanto DIs quanto redes presenciais são ambientes de emulação onde se podem traçar inovações, através do conhecimento gerado pela absorção, assimilação, compartilhamento, transformação, criação, transferência e difusão do conhecimento (BELUSSI e CALDARI, 2002: 125). Tudo em um local onde agentes locais se reúnem

---

<sup>12</sup>“IDs may be interpreted as a cognitive system: a socio-productive system in which knowledge, social experiences, mental models and collective beliefs are accumulated in a specific space through time. The local accumulation of tacit knowledge in firms provides the necessary distinctive element fuelling ID firm competitiveness. The existence of numerous overlapping networks favours knowledge sharing and information flows.” (MARSHALL, apud BELUSSI e CALDARI, 2002, p. 125).



para trocar experiências regionais, continentais ou globais. Em um mundo globalizado e de descentralização do saber, é preciso compreender novos processos em que o conhecimento é mais do que dados ou informação bruta, que não está acumulado na cabeça de alguns ou no sistema fechado de poucos. Há vários graus de complexidade, acumulação e apropriação de conhecimento, organizado para compartilhar saberes através de sistemas de diálogo.

Nos DIs e nas redes, o conhecimento é organizado de forma descentralizada, formado por sistemas estáveis e presenciais. As bases do conhecimento dos DIs são a acumulação local de conhecimento pela prática, processos de geração de conteúdo próprio, especialização produtiva entre polos e uma forte divisão de trabalho cognitivo. A acumulação local do saber provém da base do conhecimento contextual, um estoque de saber coletivo, formado por elementos codificados, tácitos, práticos e provindos de relações. Isso ocorreria apenas em territórios delimitados; por essa razão, o conhecimento local é relacionado ao desenvolvido em estruturas regionais como distritos ou redes presenciais.

O conhecimento das DIs circula através da execução de trabalho. Quanto mais seus membros aprendem, mais difundem o saber ao relacionar-se com redes externas de produção de conhecimento. A origem diversa das instituições, o reuso do conhecimento e as sinergias desses processos aumentam a difusão do conhecimento. No caso dos DIs, algumas organizações ainda mantêm a concentração do conhecimento, enquanto outras se adaptaram às concorrentes globais, atraindo-as às suas regiões e mantendo-se competitivas para com elas. Da mesma forma, algumas redes presenciais tendem a ser mais abertas ou fechadas ao diálogo externo.

Um sistema social gera vários signos, textos e regras de organização desse conhecimento. Cabe aos indivíduos, dotados de sistemas internos e pessoais de organização simbólica, escolherem se e como vão dialogar com essa estrutura. Tanto os DIs como as redes presenciais formam um ambiente local compacto (MARSHALL, apud BELUSSI e CALDARI, 2002, p. 128), onde regras sociais, informação relevante e práticas coletivas são permeados por elementos cognitivos dos participantes individuais. A rede é permeada pela identidade de seus membros. Nas redes presenciais e nos DIs, por exemplo, há conhecimentos em que são necessários tempo e prática para desenvolvimento. O que os agentes do conhecimento podem promover pode não ser compreendido na sua completude

pelos seus interlocutores. Por isso, é difícil de dissociar conhecimento de sua fonte e da maneira como a realiza. Tal conhecimento deve ser dividido em comportamentos (*behavior*), modelos e institucionalizações.

Para gerar conhecimento, a expertise endógena e exógena das redes também deve ser considerada, como nas experiências pessoais de cada membro da rede, sua maneira de interpretar e compreender os conteúdos compartilhados pelos demais integrantes, fazendo com que o conhecimento gerado por um indivíduo possa ser diferente de outro, ambos de uma mesma rede. São textos mentais, únicos, que combinam símbolos, formas de compreensão, percepções subjetivas e objetivas, tornando especiais cada produção cultural gerada em ambientes de redes.

A inovação e o desenvolvimento do conhecimento no DI dependem de uma interação contínua. Para isso, é necessário socializar modelos mentais, além dos signos de comunicação. Ou seja, deve-se trocar os textos culturais, além dos temas ou fatos de cada regionalidade. Uma rede presencial, por exemplo, pode estimular o diálogo de identidades por narrativas individuais, senão não gerará inovação ou desenvolvimento. Os sistemas interpretativos de cada indivíduo devem ser capazes de se adaptar aos textos externos dos outros membros da rede, de forma não apenas a entender o outro, mas inovar sua própria narrativa em um processo de dialogismo textual.

Segundo Belussi e Pilotti (2002), há três tipos de estruturas industriais dos DIs, que podem ser usados para interpretar os sistemas de redes presenciais.

Os primeiros sistemas são os de fraca aprendizagem, baseados no conhecimento horizontal, acumulado em locais particulares, embebidos por práticas sociais também locais. O conhecimento tácito entre agentes do DI prevalece, pois alguns tipos de conhecimento não seriam divisíveis; dependem da prática para consolidação e compartilhamento. Entende-se que alguns tipos de conhecimentos práticos, como alguns dos técnicos e tecnológicos, não podem ser codificados, simplesmente transferidos. Já os científicos, sim, dada a natureza de sua origem e da sistematização do seu estudo. Nesse contexto, o conhecimento técnico que ensina pela tentativa e erro não comporta a complexidade de fenômenos abordados, enquanto o conhecimento científico carece da ação para comprovar as deduções teóricas.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> O termo conhecimento codificado se refere a um conhecimento objetivo, relacionado a resultados específicos, objetivos ou subjetivos. Ele também pode ser desincorporado (“disembodied”), ou seja, transformado em teoria, mais além da experiência. Nesse momento, aliás, ele se opõe ao conhecimento ainda

Já os sistemas de absorção externa são capazes de absorver habilidades fora dos circuitos internos, gerando inovações. Os agentes internos são capazes de ativar processos de absorção de conhecimento externo, combinando signos de conhecimento e de trocas sociais com outras redes, com suas próprias narrativas de conhecimento e com as geradas internamente, em sua rede. Não copiam sistemas externos, mas se inspiram neles para gerar novos textos complexos. Dessa forma, o conhecimento do grupo aumenta. “Esse modelo de compreensão parece ser o que melhor explica as redes e sua interação com textos externos, trazidos pelos seus próprios membros. Como são ambientes de troca e capacitação, as redes possibilitam a absorção e a compreensão dos signos e textos”.<sup>14</sup>

Os sistemas dinâmicos evolucionais são tipos de DIs ou redes que geram inovação. Na teoria dos DIs, nem todas as firmas localizadas na mesma região têm as mesmas habilidades, por isso, as inovações partem principalmente das organizações dinâmicas, centros de pesquisa e fornecedores especializados. Produzem inovação através da combinação de diferentes tipos de informação. O que caracteriza esse sistema é a ocorrente presença de inovações radicais.<sup>15</sup> Apesar de se aproveitarem do conhecimento ao redor, seu conhecimento é muito acessado pelas redes externas, chegando a atrair organizações de outras regiões. As redes presenciais de jornalismo mais semelhantes a esse sistema são as que propõem revoluções no sistema de jornalismo ou de diálogo a partir de si mesmas, como as norte-americanas. Os objetivos e as missões estão estabelecidos antes do diálogo entre os participantes. E a influência da rede se dá de dentro para fora, com agentes externos buscando conhecimento e diálogo com os membros internos da rede.

Em ambos os sistemas, o conhecimento é fruto de diversos pedaços de saber, provindos de distintas origens. Para tais elementos se tornarem um conhecimento novo

---

em forma prática. Já o conhecimento tácito é usado para perceber a realidade, para estruturar comportamento, selecionar e relacionar informações relevantes e para filtrar e recombinar conhecimento.

<sup>14</sup> O conhecimento por absorção é diferente do primeiro, pois exige que haja um processo criativo. As oportunidades criativas são influenciadas por modelos mentais dos participantes, seus imaginários, formas de compreender o mundo e pelo seu nível conceitual de conhecimento, para extrair das experiências os conceitos que gerarão criatividade. A absorção envolve aprendizagem por interação. Para isso, as redes territorialmente concentradas e densas são ideais para criar ambientes de interação e de troca do conhecimento tácito entre indivíduos cognitivamente distantes, ou seja, com narrativas culturais diferentes.

<sup>15</sup> Deve-se compreender o termo “radical” como quebra do sistema anterior, já que este considera a crise e a recombinação como motores para criatividade e inovação. Na geração de novas habilidades, os indivíduos não devem apenas absorver conhecimento tácito ou codificado, mas também ativar processos generativos de novos conhecimentos. Para isso, as relações produtivas são conduzidas à atividade inovadora, com menos ênfase ao método absorvente e mais à criação de conhecimento. Além disso, promovem mudanças estruturais nas próprias redes em que se desenvolvem, com porções de conhecimento que tomam conta de diversos níveis do sistema produtivo, sedimentando a inovação.

dentro das redes, os participantes devem estar envolvidos em um processo interativo e dialógico de aprendizagem e invenção. O fato é que, independente do método que utilizam, *são os indivíduos integrantes de sistemas de aprendizagem os responsáveis por ambientar as ideias dentro e fora das organizações.*

Se a combinação de diferentes ideias produz conhecimento, os agentes dentro dos DIs e das redes presenciais não podem deter, compreender ou assimilar as mesmas ideias, pois isso empobreceria a troca dentro das entidades em rede. Por isso, formas descentralizadas de aquisição e de difusão do conhecimento são necessárias para renovação do sistema.

Para isso, os membros das redes ou dos DIs devem estar alertas para utilizar diferentes mecanismos de aprendizagem, como comparações, inferências, conexões, ações deliberadas ou de iniciativa pessoal.<sup>16</sup>

### Referências Bibliográficas

- BELUSSI, F. & PILOTTI, L. *Knowledge Creation, Learning and Innovation in Italian Industrial Districts*. Human Geography, vol. 84, n. 2. Special Issue: Beyond "Happy Communities" in Economic Geography, p. 125-139. Geografiska Annaler, 2002.
- BELUSSI, Fiorenza & CALDARI, Katia. *The Interplay of Small and Large Firms in the Concept of ID: a historical perspective*. Italia: Università di Padova, 2002.
- CALDARI, Katia. *Alfred Marshall's Idea of Progress and Sustainable Development*. University of Padua, Italy, 2002.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTELLS, Manuel. *Local and Global: Cities in the Network Society*. USA: Blackwell Publishers, 2003. [wwwhttp://onlinelibrary.wiley.com/](http://onlinelibrary.wiley.com/)
- CHRISTAKIS e FOWLER. 2009 CHRISTAKIS, Nicholas A.; FOWLER, James H. *Connected: The Surprising Power of Our Social Networks and How They Shape Our Lives*. Hachette Book Group, 2009.
- DEI OTTATI, Gabi. *Global Competition and Entrepreneurial Behaviour in Industrial*

---

<sup>16</sup> "Tacit and codified forms of knowledge are blended by recourse to experience, rules of thumb or intuition, face-to-face meetings, apprenticeships, and through recourse to specialized sources (databanks, files, experts, training and exhibitions)." (BELUSSI e PILOTTI, 2002, p. 133).

*Districts: Trust Relations in an Italian Industrial District.* Paper presented at the Conference on Clusters, Industrial Districts and Firms: the Challenge of Globalization. Modena, Italy. September 12-13, 2003.

MARSHALL, Alfred. *Principles of Economics*. London: Macmillan and Co., 2002.

WAINBERG, Jacques A. *Casa grande e senzala com antena parabólica: telecomunicação e o Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.